

A DESTERRITORIALIZAÇÃO DO JUDAÍSMO: UMA MIGRAÇÃO PARA RONDÔNIA

Desterritorialization of Judaism: Migration to Rondonia

Sheila Castro dos Santos¹

Carlandio Alves da Silva²

Adnilson de Almeida Silva³

Resumo

Este artigo tem por intuito apresentar alguns caminhos percorridos para a desterritorialização do povo semita. Para tal a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Destarte, a breve contextualização de alguns eventos que conduziram os judeus a migrarem, concomitantemente levando consigo seus cânones e costumes sobre seu mito de origem. Apresentamos as especificidades que ocorreram a esses migrantes ao instalarem-se na região amazônica do Brasil após *Pogrom*, umas dessas foi a incorporação da cultura local abandonando seus ritos e desse modo, ocorrendo o que Benchimol denominou de assimilação.

Palavra-chave: Amazônia. Deus. Judaísmo. Migração. Rondônia.

Abstract

This article is meant to present some paths taken for the dispossession of the Semitic people. For that the methodology used was the literature research. Thus, a brief background of some events that led Jews to migrate concurrently taking with its canons and customs regarding its myth of origin. We present the specifics that occurred at those migrants to settle in the Amazon region of Brazil after Pogrom, one of these was the incorporation of local culture forsaking their rites and thereby experiencing what Benchimol called assimilation.

Keyword: Amazon. God. Judaism. Migration. Rondônia.

¹ Doutoranda em Geografia-UFPR. sheila1705@gmail.com

² Bacharelado em Geografia – UNIR. carlandiodasilva@gmail.com

³ Prof. Dr. do Departamento de Geografia e do PPGG-UNIR. adnilsonn@gmail.com

A DESTERRITORIALIZAÇÃO DA FÉ JUDAICA

Três grandes profetas da fé judaica cada um a sua maneira incentivaram o povo judeu a fortalecerem-se na fé inabalável a *Iahweh*.

Os discursos que mudaram a forma de conhecimento de *Iahweh*, de um “Deus” local da antiga anfictionia, para um “Deus” espiritual criador, “Deus” de todos e o “Deus” universal. O trio que conduziria o pensamento judaico no decorrer dos eventos futuros é Isaías, Ezequiel⁴ e Jeremias. Eles mostraram que é a partir do conhecimento do seu “Deus” que o judaísmo seria sustentado.

Segundo Johnson quando os moradores de Samaria estavam sendo deportados, alguns letrados conseguiram escapar para o reino de Judá, levando consigo alguns escritos de um profeta que foi ignorado em Israel, ele era denominado de Oséias.

Ezequiel foi o primeiro profeta que escreveu advertindo sacerdotes, legisladores e a nobreza a respeito de suas atitudes que evidenciavam a corrupção, licenciosidade e a idolatria em Israel reino do norte. Quando sua mensagem chega ao reino de Judá pairava o medo de terem o mesmo fim que Israel.

Tanto sacerdotes, legisladores e a nobreza tomaram como verdadeiras as palavras de Ezequiel e começaram a unir o povo em torno da adoração a *Iahweh*, pois se o exemplo que o profeta deixou foi de que o povo só podia ser salvo por meio da “fé” e essas deveriam ser expostas em “obras”. “Ezequiel escrevera a respeito do poder do amor, e clamara por uma mudança nos corações dos homens” (JOHNSON, 1995, p.84). O que ele escreveu serviu para as duas nações, contudo Judá ao se colocar novamente em um modelo político-religioso consegue resistir a destruição por mais tempo que Israel.

É o amor a “Deus” que fará do povo judeu uma nação sólida, a pregação de Oséias é a referência da busca de um lugar santo, que só será possível de acordo com as atitudes dos indivíduos, pois é pelo amor que o homem se chega a *Iahweh*, este amor deveria ser evidenciado primeiramente para com seus semelhantes.

O segundo profeta é Isaías, este pregou para o mundo. Sua pregação nos leva a entender que para o judeu todos os lugares pertencem a *Iahweh*, e o que acontece em um lugar provavelmente acontecerá em outro. Os avisos já não são somente para os judeus, são para todos os povos.

⁴ Há em livros de história judaica uma contradição no nome deste personagem e por não ter sua identidade confirmada, este recebeu o apelido de segundo Isaías, provavelmente ele era de família pobre, por isso seu nome não constasse nas relações das famílias da nobreza, outro detalhe é que o nome que aparece em alguns autores é o de Oséias, em vez de Ezequiel ou Isaías, no entanto seguimos a organização do *Tanak*.

Mas o maior de todos os profetas foi *Ieshaiau*, ou melhor dito, o segundo *Ieshaiau*. A visão desse segundo *Ieshaiau* é universalista. O mal é mundial, e o remédio também deverá ser mundial. É sua a frase lançada a todos os povos que acreditavam encontrar a segurança na destruição dos vizinhos: “Quando acabares de saquear, saquear-te-ão!” era o que vinha acontecendo até então com os egípcios, com os hititas, com os elamitas e com os assírios. E viria a acontecer com os babilônios, até aquele momento vencedores de todos os seus oponentes ... E com os persas, os gregos, os romanos etc. Etc. [...] Mas *Ieshaiau* não era pessimista. Pelo contrário! Tinha fé no futuro da Humanidade. *E proclamou bem alto: “Ainda chegará o dia em que das espadas serão forjadas relhas de arados, e das lanças podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”*. Ele já não falava para seu povo, mas para o mundo (IZECKSOHN: 1973a, p. 134. Grifos nossos).

O discurso de Isaías foi mais impactante que o de Ezequiel e o de Jeremias. Pois é nele, que as barreiras fronteiriças são quebradas, que a fé, e a crença tornam-se fator de suma importância para o povo judeu. A certeza de que os homens passarão por tudo que fazem os outros passar, do retorno do mal que é feito é o mesmo mal que é recebido (causa e efeito).

Com suas prédicas incentivava ao judeu guardar a esperança em seu “Deus” que, segundo ele, é o Criador de tudo que existe e o Único, não existe outro igual. Para o judeu *Iahweh* é indivisível, este é um dos pontos que divergem completamente do cristianismo, seu “Deus” não pode ser uma trindade, não pode ser pai e filho ao mesmo tempo, este é um dos ensinamentos que vai seguir o judeu por toda sua vida - o da unicidade de *Iahweh*.

Outro ponto importante das palavras de Isaías era o da consolidação do lugar da fé judaica, esta deve estar no coração dos judeus e não em suas posses. Pregando a unicidade de “Deus” levanta-se contra todos os tipos de idolatria e em suas prédicas incentivam os homens a fazerem doações, ajudarem os desprovidos, “de sorte”, ou de benção de “Deus” como afirma Izecksohn.

O terceiro profeta foi Jeremias que viveu dois momentos. O primeiro ele pregava a permanência do território político, usou seu discurso para admoestar o monarca de Judá a ter a sabedoria de permanecer em submissão à Babilônia. Mesmo sendo outro reino Judá continuaria dentro do território que lhe pertencia e seu “Deus” estaria com eles.

Jeremias não foi entendido pelo seu povo no contexto em que viveu, suas palavras só foram ouvidas e entendidas algum tempo depois. Não lhe escutaram, e ele acabou vendo seus compatriotas derrotados, uma parte levada presa para Babilônia, outra ficando na terra em completo estado de pobreza. No entanto ele permaneceu em seu território pregando o amor e ajudando os que ficaram. Contudo, após um tempo houve um levante

contra a Babilônia e quando este foi reprimido os conterrâneos de Jeremias mesmo contra sua vontade levam-no para o Egito, este com o passar do tempo experimenta a saudade de Jerusalém.

Ele estava tentando ensinar-lhes como se tornarem judeus: submeterem-se ao poder conquistador e com ele se acomodarem, a tirar o melhor partido da adversidade, e para alimentarem a certeza de longo prazo da justiça de Deus em seus corações (JOHNSON, 1995, p. 88).

Jeremias é considerado o primeiro judeu. Por ter começado a pregar não mais a submissão a outro reino, mais sim a submissão para com “Deus”. Seu discurso envolvia *Iahweh* e o lugar do Templo, mas agora envolve “Deus” e o sofrimento por não estar em sua terra amada. O sentimento de *topofilia* de Jeremias por Jerusalém o conduz cada vez mais ao sofrimento. Ele nunca deixou de acreditar que o povo judeu um dia voltaria para sua terra amada – porém ele morreu no Egito. Diante do discurso de Jeremias entendemos também como o judeu submete-se ao Estado a que está inserido, para conquistar diante da adversidade.

Os três momentos distintos da mudança de pensamento religioso pode ser percebido nos personagens Isaias, Ezequiel e Jeremias. O primeiro demonstrando o “Deus” tribal e territorial amando e perdando os seus. Em um segundo momento o “Deus” deixa de ser territorial, desse modo começou a pensar na potestade e soberania de *Iahweh*, mesmo fora do território. E, por último o “Deus” é universal, não há fronteiras que possa resistir a sua potestade, Ele é perdoador e ama a todos.

Observamos na história desse povo, a capacidade humana em momentos de aflição, medo, desespero buscar forças para continuar vivo. Os judeus preencheram-se de esperança em seu “Deus”, e desse modo sua religiosidade os manteve resistente para que permanecessem durante muitos anos.

O INÍCIO DAS MIGRAÇÕES

O judaísmo perdeu o Templo e a pátria, mas continuou a existir pela palavra de seu “Deus”. A palavra escrita e falada era maior que qualquer referência física, pois onde ela estivesse lá estaria a presença de *Iahweh*, mesmo com o

Cativeiro e exílio: tal foi o destino de Judá e seu povo, como o fora do reino do norte um século e meio antes. Ao contrário das dez tribos perdidas, no entanto, os cidadãos de Judá iriam sobreviver, e iriam difundir sua mensagem de judaísmo onde quer que estabelecessem-se. Haviam perdido seu Templo, a morada de seu “Deus”; mas tinham suas palavras guardadas no relicário de sua lei escrita, uma lei que não dependia de nenhuma locação física. [...] O exército de Nabucodonosor tinha arrasado

os maiores centros populacionais (...) estimou-se que a população de Judá, que era de 250.000 habitantes no século VIII, reduziu-se para cerca de 20.000 (GOLDBERG & RAYNER, 1989, p. 64-65).

Houve três revoltas contra o reino da Babilônia e por tanta resistência, Nabucodonosor não teve mais benevolência para com Judá, que já havia perdido seu título de reino, então ele queimou e saqueou o Templo, levando o tesouro para Babilônia, deixando a terra quase sem moradores.

Observamos que o ponto fundamental para o judaísmo como forma religiosa é a existência de “Deus”. Nas palavras de Goldberg & Rayner:

É isso que faz dele uma religião. Nas fontes clássicas do judaísmo, a existência de “Deus” é sempre aceita, mesmo quando não é explicitamente afirmada, e é vista como a mais importante de todas as verdades. Desenvolver as implicações dessa crença é a preocupação principal dos escritores judeus, dos tempos antigos à modernidade (Id., 1989, p. 267).

Contudo o judaísmo não se apresenta apenas em sua forma religiosa, há judeus que não acreditam em *Iahweh*, pois na forma cultural é a união simbólica com a participação em alguns ritos e sua descendência que lhe caracterizará como judeu e não sua crença.

Ao viverem na Babilônia desde os tempos das deportações de Nabucodonosor no século VI A. E. C., os judeus como nos informou Goldberg & Rayner (Id.), tornaram-se prósperos e floresceram sob uma sucessão de dinastias: persa, helênica e parta⁵, estas permitiam grande autonomia às minorias étnicas e religiosas que estavam dentro de seus territórios.

JUDAÍSMO NA EUROPA

Mesmo sob dominação da Babilônia e posteriormente da Pérsia, os judeus desfrutaram de um período de paz, para depois serem conquistados novamente, em 334 A. E. C., sob o ataque de Alexandre, o Grande, não só faz dos judeus novamente escravos como também denomina toda região com o nome de Palestina. Goldberg & Rayner afirmam que ao “destruir o império persa e abrir os países do Oriente para os gregos, Alexandre Magno efetivamente aboliu as fronteiras entre leste e oeste. Povos se misturaram e se mesclaram entre si em uma fusão de padrões culturais e sociais que se tornou conhecida como a civilização helênica” (Goldberg & Rayner, 1989, p. 79).

⁵ O Império Parta ou Parto (247 a.C.-224 d.C.), também conhecido como Império Arsácida, foi uma das principais potências político-culturais iranianas da antiga Pérsia.

Após a morte de Alexandre III, seus generais travaram lutas entre si, para assumir o comando do Império grego.

Devido a luta pelo poder aquela região mudou de governante diversas vezes em pouco tempo, pois os generais de Alexandre III, não conseguiam entrar em consenso de quem deveria assumir o trono. Antípater, Ptolomeu, Crátero, Seleuco, Pérdicas, Antígono, Eumenes, Leonato, Antipatro e Lisímaco. Entre estes quem consegue apoderar-se do Egito e mais tarde da região da Palestina foi Ptolomeu

Este ao apoderar-se do Egito em 301 a. E. C., fundou a dinastia *Lápidas*, esta que também ficou conhecida como dinastia ptolomaica.

Ptolomeu não pôde ocupar todo o território da Palestina, pois Jerusalém tentou resistir a seu domínio. Após conquistá-la, pilhou-a, levando consigo, tesouros e muitos habitantes para serem escravos em Alexandria.

Após a morte de Ptolomeu I com o reinado de Ptolomeu II a situação dos judeus melhorou. Ele concedeu liberdade para os judeus, que seu pai aprisionou. E ao iniciar a formação da Biblioteca de Alexandria, com obras de todas as partes do mundo solicitou ao Sumo-Sacerdote de Jerusalém uma *Torah* e alguns escribas conhecedores do grego, a fim de traduzir o livro a essa língua.

O número de comunidades judaicas em Alexandria tornou-se muito grande devido à abertura para estudo e o culto a *Iahweh*. Dessa maneira foi possível a continuação da crença judaica nessas comunidades da Diáspora a partir da *Septuaginta*⁶, que os conduziu a permanecerem como a base educacional dos mandamentos de Moisés, para continuarem a cumprir a aliança de Abraão com *Iahvé* pelo *Brit Milah*.

O domínio ptolomaico sobre Jerusalém durou mais de cem anos. Com o passar do tempo às disputas tornaram-se intensas. A luta entre fariseus e saduceus⁷ pelo controle do Estado eram cada vez mais constante. Os fariseus⁸ foram um grupo fundado pelos *Hassidim*⁹ partidários dos primeiros *Macabeus*. Eles acreditavam nos livros sagrados judaicos, e em vários acréscimos, que foram feitos pelos escribas, esses tidos como os “Homens da Grande Assembleia foram introduzindo”, algumas convicções tais “como a crença na

⁶ Designação por que é conhecida a mais antiga tradução em grego do texto hebreu do Antigo Testamento, feita para uso da comunidade de judeus do Egito no final do século III a.C. e no II a.C.; teria sido realizada por 72 tradutores (Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0, 2010).

⁷ Os saduceus, por sua vez, eram pessoas da alta sociedade, membros de famílias sacerdotais, cultos, ricos e aristocratas.

⁸ Significa separados, Dedicavam sua maior atenção às questões relativas à observância das leis de pureza ritual.

⁹ Pio, religioso, caridoso.

sobrevivência da alma, no paraíso e no inferno, e numa série grande de detalhes da vida cotidiana, a que todo judeu devoto devia sujeitar-se” (IZECKSOHN, 1973a, p.170).

Dos fariseus surgiram duas correntes que discordavam em relação de como seria o advento do *Mesbiach*¹⁰, as duas correntes concordavam que este deveria aparecer a qualquer momento. A corrente dos Zelotes imaginavam o messias como chefe material da revolta judaica e desse modo, ele seria um homem que reuniria novamente Israel e sob seu comando conseguiriam a libertação.

Já a corrente dos Essênios¹¹ esperava que o messias viesse como chefe das hostes celestiais, ele só viria quando os judeus estivessem preparados, limpos dos pecados. E, “deveriam levar uma vida de pureza. E era o que eles faziam, isolando-se em grupos nas grutas próximas ao mar Morto, e no deserto. (foram eles os autores dos “Rolos do Mar Morto)” (IZECKSOHN, 1973b, p.22).

Outro grupo político que havia entre os judeus eram os saduceus, eles por princípio de entendimento entendiam como afirma Izecksohn que não haveria “vida ultra tumba, e que, sem deixar de ser judeus, devia-se tirar da vida tudo o que ela pode fornecer de agradável. Eram a favor das conquistas, porque lhes traziam mais riquezas” (IZECKSOHN, 1973a, p.171).

Estando o país com a comunidade judaica dividida entre esses grupos ficou mais fácil para o império romano torná-los seus vassalos novamente. Quando em 67 A.E.C., os dois descendentes ao trono buscaram apoio do general Pompeu que favoreceu Hircano. No ano de 63 A.E.C., este ocupou o Templo e elegeu Hircano, não como rei, mas como Sumo Sacerdote.

Com essa nomeação retirou o poder político das mãos dos judeus, e deixou para Roma a administração política e econômica e para os judeus a administração religiosa. A comunidade judaica de Jerusalém durante o período de dominação romana fez várias rebeliões, por esse motivo, Roma via Jerusalém como uma terra que precisava aprender uma lição e aceitar sua subserviência ao império.

Em 46 a.E.C., Tibério Júlio Alexandre, judeu convertido aos deuses romanos, conseguiu acabar com a revolta armada do movimento messiânico. Na afirmação de Izecksohn “chefiado por *Menabem*, neto de Judá da Galiléia” foram vencidos e desta forma “*Menabem* seus milhares e milhares de adeptos foram crucificados” (Id., 1973b, p.30).

¹⁰ Messias.

¹¹ Eram comuns com a ideia de conservarem e restaurarem a santidade do povo num âmbito mais reduzido, o de sua própria comunidade.

De 66 a 70 da E.C., houve intensas revoltas, a que deu origem a segunda destruição do Templo foi a iniciada pelos zelotes, estes indignados pelo saque que os soldados romanos estavam realizando no Templo, conseguem matar alguns e expulsar os outros soldados.

Quando Agripa II, nomeado pelos romanos rei de Calcis, soube do que os zelotes fizeram, entrou com uma tropa em Jerusalém. Este ficou cercado, e teve que negociar rendição com os judeus, que permitiram a Agripa II e alguns judeus que estavam com ele saírem com vida, porém todos os romanos da tropa foram mortos.

Ao saber da rebelião e percebendo que ela estava tomando proporções maiores, o imperador Nero nomeou o general Vespasiano para acabar com a rebelião. Com o general Vespasiano longe, Nero foi morto e houve uma intensa e violenta luta pelo poder do império romano. Dessa maneira, surgiram segundo Izecksohn “três efêmeros imperadores: Galba, Oton e Vitélio, cada um deles assassinando seu antecessor” (Id., 1973b, p.36).

O comando das tropas judaicas foi dividido *Jochanan* de *Gush-Halav* ficou com a responsabilidade de defender a Torre Antônia e o Templo, já *Simão bar Giora* defenderia a Cidade Alta.

Cercados pelas tropas romanas, a fome começou a dominar a cidade. Os judeus morriam de inanição e houve casos de comerem os mortos. Do lado de fora das muralhas de Jerusalém, Vespasiano foi chamado a Roma, pois o exército havia lhe nomeado como imperador romano, pela vitória sobre os judeus.

Ao voltar a Roma Vespasiano deixou seu filho Tito no comando da batalha. Este enviou Agripa II e Josefo para convencer os judeus a se renderem. Mas Agripa II e Josefo, para os judeus, eram tidos como traidores e não foram ouvidos.

Tito ao tomar conhecimento que a população dentro de Jerusalém estava sem alimento a mais de uma semana, ordenou o ataque final, como mostra Izecksohn:

Homens e mulheres, apesar de enfraquecidos pela fome, resistiram nas muralhas e na Torre Antônia, sendo depois encurralados no Templo, onde a carnificina se tornou horrível. Ninguém se rendia [...] Milhares de homens, mulheres e crianças morreram sob os escombros ardentes. Na cidade alta Simão bar Giora ainda resistiu durante alguns dias. Quando a batalha de Jerusalém terminou, estavam espalhados pelas ruas e pelas ruínas das casas mais de seiscentos mil cadáveres. Os romanos ainda conseguiram aprisionar noventa e sete mil sobreviventes, quase todos feridos e exaustos. Em volta da cidade todas as árvores haviam sido cortadas para serem erguidas milhares de cruces, onde foram pendurados os mais rebeldes (IZECKSOHN, 1973b, p. 38).

Havia um costume romano de quando vitoriosos em uma guerra conduzir os derrotados em um cortejo triunfal. Os capturados eram mostrados para a população como

símbolo da grandiosidade romana. Nas palavras de Izecksohn “no desfile foram expostas ao povo a *Menorah*, grande candelabro de ouro maciço, a mesa da propiciação e os vasos sagrados” (Id., 1973b, p. 38).

Podemos entender que houve diferenças entre a primeira destruição do Templo com Nabucodonosor em 586 A.E.C., e a segunda destruição com Tito em 70 da E.C.

Nabucodonosor ao destruir o Templo o fez pela vitória da batalha, levou o povo cativo para Babilônia, mas propicia-lhes liberdade de culto e comércio, sua intenção não foi de extermínio, foi estratégia política para manter a Judéia sob controle. Já Tito ao destruir o Templo, queima o santuário para mostrar que o prestígio do “Deus” judaico já não existia mais, e quando leva os cativos para Roma o faz exclusivamente para humilhação e degradação do povo, foram levados para trabalharem como escravos ou para serem gladiadores.

A notícia da destruição do templo chegou aos judeus que estavam no Egito, na Mesopotâmia e na Babilônia, houve comoção geral, eles juntaram recursos para ajudarem os que foram levados cativos. Alguns foram comprados e logo após, colocados em liberdade.

Durante quase quatrocentos anos que se seguiram os judeus ou se adaptaram, inserindo-se no meio dos romanos e nos outros territórios que podiam negociar, pois eram hábeis comerciantes.

No final do século IV, o império romano começa a ruir. Constantinopla estava sendo atacada pelos Godos, que negociam a paz com ouro, então os Godos em 410 da E.C., marchavam para atacar Roma. Em 480 E.C., os Francos ocuparam o norte da Gália, a Itália era invadida pelos Ostrogodos e os Visigodos invadiram o sul da Gália (hoje Espanha) e a Ibéria (hoje Portugal). Os Anglos Saxões invadiram a Britânia (hoje Inglaterra).

A falta de unidade do senado romano com o rei e com o seu exército, somado a sucessivas invasões por todos os lados e sem possuírem alimentos para saciar a fome da população, tem-se o fim do império romano. Mas, nesse momento o judaísmo já havia sido propagado, pois cada vez que foram colocados em cativeiro, levaram consigo as palavras de Jeremias, Oséias e Isaías para perseverarem no compromisso com *Iahweh*, que lhe daria forças para que sua religião perpetuasse.

O percurso da história judaica na Europa pode ser caracterizado como história regional, pois em cada reino, país ou cidade, onde se estabeleciam dependendo de quem governasse poderiam continuar a manter seus ofícios e o culto a *Iahweh* era permitido. Mas havia um diferencial entre os judeus europeus, eles não seguiam o modelo das academias babilônicas, cada comunidade passou a ter sua própria maneira de fazer os rituais litúrgicos

e os costumes também se diferenciaram, alguns adaptaram a língua nativa para o culto, enquanto outros continuaram a usar o hebraico.

Em Goldberg & Rayner (1989), constatamos que os judeus desde o Alto Império Romano estavam instalados na Península Ibérica, e sua situação melhorou muito após a conquista árabe-berbere de 711 da E.C. Após os trezentos anos da conquista a posição dos judeus só melhorou, cresceram como comerciantes, banqueiros, médicos, eruditos e penetraram o Oriente Médio da África do Norte. Foram para a Espanha Setentrional, onde passaram a ser chamados de *Sefaradim* (judeus espanhóis), esse período de prosperidade, ficou lembrado como a Idade do Ouro dos Judeus na Espanha.

A partir daí começou a vigorar a principal divisão do judaísmo europeu na Península Ibérica os *sefaraditas*, e na Alemanha e norte da França os *ashkenazitas*.

Outro fator importante foi à fluidez migratória que por volta do século XIII pela primeira vez em sua história, a maioria dos judeus viviam na Europa, e não no Oriente Médio. O Islã quando reconquistou seu território e alargou sua fronteira, aplicou seu idioma, o árabe. Essa prática estimulou no judeu voltar a usar o hebraico com mais intensidade, o que para algumas localidades já não o ocorria com frequência.

MOVIMENTOS ASHKENAZIM E SEFARADIM

Apresentamos até aqui, alguns caminhos percorridos pelos judeus durante algum tempo. Começamos com seu mito de origem, evidenciamos a criação do reino e sua divisão, e as duas principais diásporas que ocorrera no Oriente Médio a primeira antes de Cristo e a segunda em 70 d.C. Neste item, fizemos uma breve contextualização de alguns eventos que conduziram os judeus a migrarem, concomitantemente levando consigo seus cânones e costumes.

E, dentre as tantas migrações também vieram para o Brasil, observamos em Kaufman três das fases em que houve entrada de judeus no Brasil

o primeiro agrupamento resultou numa congregação formada por cristãos-novos, marranos e judeus, durante o período holandês, o segundo foi constituído por judeus *ashkenazitas*, que emigraram principalmente da Europa Oriental, a partir do final do século XIX e começo do século XX. Neste último período, registrou-se ainda, embora em menor número, a chegada de judeus *sefaraditas* da Turquia, do Líbano e da Palestina, e de judeus *ashkenazitas* oriundos de algumas áreas da Europa Ocidental (Alemanha, Áustria e Hungria) (KAUFMAN, 2000, p. 6).

No entanto explicaremos mais adiante as entradas de judeus no Brasil, então continuemos. Durante o século XIV houve crises que tiveram diversas consequências no meio político, educacional e de sobrevivência de toda população europeia. A ciência lutava para ficar livre do domínio da Igreja Católica. Contudo com o evento da Grande Fome¹² e da Peste Negra¹³ que ocorreu na Europa no decorrer do século XIV, deflagrou-se o medo da morte, o clero usou seus conhecimentos em ervas de uso medicinais a seu favor para inserirem superstições e medo a população, que apavorada consentiu que a Igreja impôs-se no que devia ou não ser feito.

Com todas as crises que estavam ocorrendo na Europa os judeus prosperaram. Como comerciantes eram detentores de terras e dinheiro, desse modo praticavam o empréstimo de dinheiro com cobrança de juros, esta prática ficou conhecida como “usura”. Contudo apesar de todo o período de prosperidade os judeus passariam então por quatro períodos de intensa perseguição. O primeiro deu-se pelo decreto do papa Urbano II, que pronunciou o começo das Cruzadas. O segundo com a ordem da Inquisição. O terceiro com os *pogroms*¹⁴. E, o quarto, já no século XX, durante a Segunda Guerra Mundial.

O primeiro evento as “Cruzadas” iniciou-se em 1095 E.C., patrocinada pelo clero, o papa Urbano II, conclamou a cristandade a recuperar a Terra Santa e seus santuários das mãos dos infiéis. De um lado estava o Islã, do outro o cristianismo, e no meio o judaísmo, o qual por nenhum dos lados era bem visto, como observam Goldberg & Rayner

As duas cruzadas de 1146 e 1189 marcaram uma deterioração ainda maior da segurança dos judeus. Até a Inglaterra foi atingida, com distúrbios de caráter antijudaico [...] em Stamford e York, onde os judeus, liderados por seu rabino, preferiram cometer suicídio a caírem presas da multidão (Id., 1989, p. 123. Grifos nossos).

Os judeus europeus especializaram-se no comércio por terra e instalaram-se nas terras germanas, polonesas, eslavas e boemias (Tchecoslováquia), outros judeus dirigiram-se para Inglaterra. Por seus conhecimentos foram convidados pelos reis e senhores feudais a permanecerem nelas por estimularem o comércio e a indústria.

Por motivo de sobrevivência os judeus que habitavam a Europa denominados de *Ashkenazim* escolheram ficar de fora do confronto, acharam que o levante contra “os

¹² Período aproximado 1315-1322 na Europa causou milhões de mortes.

¹³ A Peste Bubônica assolou a Europa durante o século XIV e dizimou aproximadamente um terço da população, mais ou menos 75 milhões de pessoas. O bacilo que transmite a doença só foi identificado e isolado em 1894, causada por uma bactéria denominada *Yersinia pestis*, esta é transmitida ao ser humano através das pulgas *Xenopsylla cheopis* que vivem nos ratos-pretos (*Rattus rattus*) ou em outros roedores.

¹⁴ Pogroms significa destruição em russo, embora integre todas as línguas européias. Refere-se aos massacres organizados contra judeus, bairros judeus, cidades e aldeias com apoio do governo czarista. Visava forçar os judeus das pequenas cidades a emigrarem transformando-os em bodes expiatórios face as populações insatisfeitas com a situação política e econômica na Rússia. Esses movimentos foram inspirados por sentimentos anti-judaicos de origem econômica e pelo anti-semitismo cristão (KAUFMAN, 2000, p. 253).

infiéis¹⁵” só ocorreria em Jerusalém. Coisa que não aconteceu, em 1096 quando os cruzados atacavam as comunidades judaicas pelo caminho de *Metz* até Jerusalém. O exército de Godofredo de Bulhão ao adentrar a cidade prendeu todos os judeus na sinagoga e ateou fogo. Outros ataques ocorreram em diversas cidades da Europa, nos lugares em que os judeus reagiram conseguiram sobreviver, pois se não o fizessem morriam.

As cruzadas marcam o primeiro de uma série de eventos que se sucederam no decorrer dos séculos que instigaram os judeus a procurarem um lugar onde pudessem viver sem serem perseguidos. Desta maneira elucidamos algumas questões referentes a disseminação do judaísmo. Agora faremos um breve reconhecimento sobre a questão da inquisição, para poder esclarecermos a razão da perseguição tão feroz aos judeus e entendermos como eles conseguiram vir para o Brasil.

Em 1022, deu-se o início da Inquisição para punir alguns clérigos que eram contra as práticas da Igreja. Mesmo antes de ser oficializada, houve julgamentos e execuções de “hereges” em Orleans e Toulouse na França. Devemos nos ater para o detalhe que os primeiros “hereges” eram monges e clérigos com o comportamento moral de suas lideranças.

Foi a primeira vez que os atos da Inquisição foram colocados em prática pela Igreja, para agir contra os clérigos que divergiam com a forma que a igreja estava dispendo dos recursos para manutenção de ostentações, e a maneira como conseguiam sua riqueza por meio de exploração contínua da crença dos indivíduos, sejam eles pobres ou da nobreza, um exemplo foi às vendas das relíquias e da remissão dos pecados. Após serem identificados e presos, os clérigos foram punidos com torturas e depois com a morte.

Só depois de algum tempo, foi que as perseguições voltaram-se contra bruxas, judeus e qualquer pessoa que divergisse da igreja enquanto representante de Deus.

Após 97 anos, em 1119, foi que o Concílio de *Tolouse* escreveu e deferiu poder aos bispos de pronunciarem sentenças nas questões de heresia. Foi o Papa Lucio III, apoiado por Frederico I, imperador do Império Romano-Germânico que instituiu a inquisição Episcopal. Só anos mais tarde em 1184 quando ocorreu o concílio de Verona, que foi estipulado a utilização e confiscação dos bens dos “hereges” para serem divididos em partes iguais pelo Estado e pela Igreja. Nesse ponto a Igreja ficava com a metade dos bens do acusado de bruxaria ou heresia e o acusador com a outra metade.

Com o Papa Inocência III em 1198, é elaborada e disseminada com grande ênfase a perseguição aos “hereges”, quem denunciasse um, ganhava dinheiro e se o acusado

¹⁵ Maneira como a Igreja Católica denominava todos aqueles que não estivessem de acordo com seu credo.

possuísse algum bem imóvel ou móvel seria dada ao delator uma parte do bem, e o restante iria para os cofres da Igreja Católica. O Papa Gregório IX foi quem mandou publicar a constituição “*Excommunicamus*” regulamentando a inquisição em 1231, centralizando dessa forma as decisões para o clero.

Em tese, a inquisição era um procedimento perfeitamente legal e ordeiro. De acordo com as normas vigentes do direito civil, havia três métodos padronizados de processo criminal: a *acusatio*, na qual um queixoso acusava formalmente um réu; a *denuntiatio*, na qual uma autoridade pública denunciava um criminoso; e a *inquisitio*, na qual um funcionário da justiça era encarregado de investigar varias denúncias de crime, convocar testemunhas e ouvir as refutações. [...] Com base nesse sistema jurídico, a igreja foi aos poucos construindo um sistema de terrorismo organizado. O primeiro passo foi definir a heresia como crime, sujeito a julgamento clerical, e depois fazer com que esse julgamento fosse cumprido através da punição secular... nos termos desses decretos imperiais, emitidos entre 1220 e 1239, toda heresia era proibida e qualquer um que ajudasse ou defendesse os hereges seria passível de punição. e a heresia não precisava ser comprovada. a suspeita de heresia era o bastante para justificar o processo. Quem confessasse e se arrependesse seria castigado. Quem se recusasse a confessar seria julgado impenitente e entregue às autoridades seculares para execução (FRIEDRICH, 2000, p. 120-126. Grifos Nossos).

Na Península Ibérica, longe da perseguição que afligia os judeus que residiam na região da Europa Nórdica, Europa Central, Leste Europeu, Península dos Balcãs e Países Bálticos, os judeus *sefaradim* (judeus espanhóis) até a metade do século XIV foram poupados da violência, que seus irmãos *ashkenazim* passavam.

Segundo Goldberg & Rayner (1989) só em Castela, Aragão e havia pelo menos 200.000 judeus que, conseguiram escapar da primeira onda de perseguição da Inquisição já que estavam em comunidades onde a Igreja católica ainda não dominava.

Diferente da maioria dos *ashkenazim*, milhares de *sefaradim* procuraram a conversão para tentar escapar da morte enquanto os *ashkenazim* suicidavam-se ou entregavam-se para a morte pelo “Nome Santo¹⁶”. Uma grande massa de *sefaradim* aceitou a conversão, contudo alguns continuaram a praticar os ritos escondidos.

A estratégia da conversão deu certo por algum tempo. Os *sefaradim* se aproveitaram de sua condição privilegiada e assumiram diversos cargos que antes lhes era proibido. Desse modo, tornaram-se funcionários e bispos da Igreja, entraram no departamento de administração do Estado, casaram com pessoas da nobreza e até mesmo da família real de Aragão.

¹⁶ Ou em nome de *lahweh*.

Os judeus conversos de Toledo em 1449 foram atacados por cristãos anticonversos, esses acusavam os judeus de estarem disfarçados, e mesmo dentro da Igreja continuavam realizando suas cerimônias em segredo.

Em 1478 o Papa Sisto IV, autoriza os reis espanhóis a constituir a Inquisição independentemente dos bispos para que o processo seja concluído. Dessa maneira os reis Fernando e Isabel puderam usar a Inquisição para perseguir com mais veemência os judeus e mulçumanos que residiam ou tinham negócios dentro de seus domínios, dessa maneira ajudar os cofres públicos a arrecadarem mais.

Com o casamento de Fernando e Isabel, os reinos de Aragão e Castela foram unificados no ano de 1479, e um ano depois foi instalada a Inquisição espanhola para investigar as acusações de heresia:

O rei Fernando e a rainha Isabel em 1492 expulsaram de seus domínios todos os judeus, dando a eles quatro meses para total retirada. Houve saída em massa para fora do território, que havia sido seu lar por mais de mil anos. Foram estimados, que entre 100.000 a 150.000 judeus deixaram a Espanha:

A Inquisição durou mais de seis séculos, e houve casos de que os judeus puderam contar com a ajuda de nobres e de alguns membros da igreja que os escondiam ou lhes ajudavam a fugir.

Durante a perseguição da Igreja cristã ao judaísmo, os praticantes da religião judaica espalharam-se por diversas áreas e em diversos setores, contudo dentro do próprio clero havia judeus conversos, que na ânsia de ficarem seguros ajudaram a perseguir outros judeus.

A ocupação das Américas, além do interesse despertado por suas riquezas, também foi motivada pela expansão do cristianismo. As preocupações econômicas e políticas andavam de permeio com as preocupações religiosas, cuja relevância se traduziu nas motivações que orientaram a incorporação do elemento judeu ao contingente populacional que se fixou na América portuguesa: os judeus, na condição de cristãos convertidos, careciam de uma sociedade sem o estigma de um passado judaico e distante dos poderes da Inquisição. A necessidade surgiu a partir de uma necessidade econômica da colonização portuguesa. Além da exploração agrícola das novas terras, judeus expulsos da Península Ibérica que vieram para as Américas também foram pioneiros como empreendedores e comerciantes. Montaram fábricas e participaram ativamente da colonização do Brasil. Vários historiadores, entre eles Johnson (1989: 250), afirmam que o primeiro governador-geral, Tomé de Souza, enviado para o Brasil em 1549, era provavelmente de origem judaica. Segundo o mesmo autor, os judeus e marranos possuíam a maioria das plantações de cana-de-açúcar e controlavam o comércio de pedras preciosas e semipreciosas (KAUFMAN, 2000: p. 12).

Outro fator que ajudou-os a saírem com vida da Península Ibérica foi a participação judaica nas embarcações que exploravam os mares, este tipo de conhecimento marítimo foi sua esperança para recomeçarem nos lugares novos, pois expulsos de suas terras e degredados era o único modo de buscar a sobrevivência. E, nesse período eram invadidas e exploradas “novas terras” pela Espanha e Portugal na hoje denominada América.

Para os reis católicos a exploração dos mares era uma chance de novas conquistas e mais acúmulo de riquezas extraídas do lugar a ser conquistado.

Desse modo, compreendemos a intensa participação judaica na colonização brasileira, pois para eles era uma chance de começar uma nova vida, em uma terra onde as presenças tanto da igreja quanto do governo não tinham fiscalização intensa contra a sua presença, até porque no momento da “invasão” nas terras hoje conhecidas como continente americano, o que o governo precisava era de pessoas para povoá-lo e dessa maneira, consolidar a presença de Portugal e Espanha nessas terras dominadas. Logo, os judeus poderiam realizar seus ritos sem chamarem atenção, pois não havia como puni-los, no caso do Brasil não havia infraestrutura para que houvesse a perseguição e a coercitividade da Inquisição.

São bastante conhecidas as pesquisas de José Antônio Gonsalves de Mello sobre a Gente da Nação. Em suas obras, a presença dos cristãos-novos é analisada com base em documentos que referenciam, não a presença acidental ou atividades ocasionais de comércio de cristãos-novos de Portugal com o Brasil, mas o ânimo de permanência dos que aqui se estabeleceram. Estes estudos levam à suposição de que os cristãos-novos foram os primeiros colonos no Brasil português [...] Também Caio Prado Jr. Destaca o papel do judeu na implantação da lavoura açucareira no Brasil. São considerados pioneiros na modernização da economia brasileira colonial: desenvolvimento fabríco do açúcar, avanços nos incipientes métodos da economia, etc (KAUFMAN, 2000: p. 1).

Já no Brasil do século XVII, os judeus que estavam em Pernambuco, sob o domínio holandês, segundo Eva Blay, a situação em que se encontravam, era de esperança de buscarem um novo começo, por isso acompanharam o príncipe Maurício de Nassau, e instalaram-se em 1645 “em Pernambuco, onde havia 14.500 moradores (brancos, negros e índios). Os judeus eram 1.500 dos 6.500 brancos” (BLAY, 1997, p. 43).

Os holandeses dominaram Pernambuco por trinta anos. Quando tiveram que se retirar os judeus holandeses temerosos pela perseguição da Inquisição deixam o Brasil. Alguns acompanhando Nassau, e outros se instalam em países da América Central e na Nova Amsterdã, na ilha de Manhattan, futura New York.

Até este ponto, esclarecemos como se deu uma das possíveis migrações judaicas para o Brasil, agora passamos a evidenciar outra que ocorreu devido o terceiro evento de perseguição que os judeus sofreram no século XIX que ficou conhecida como os *Pogroms*.

Segundo Goldberg e Rayner (1989) a principal indústria da Polônia em meados do século XVIII, era de fabricação de cerveja e bebidas alcoólicas, e com aproximadamente 250.000 pessoas de origem judaica dispersas pela zona rural. Essas indústrias eram comandadas por judeus que conseguiram por determinado tempo fazer seus empreendimentos crescerem. Porém com a “França e a Alemanha derrotadas em guerras em janeiro de 1871, e novembro de 1918, respectivamente, elegeram a população judaica, em muitos aspectos, como bodes-expiatórios” (KAUFMAN, 2000: p. 7).

Ficou difícil a manterem suas posses dentro dos Estados que foram derrotados na Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, houve publicações na França, Alemanha e Inglaterra que retratavam a busca dos descendentes do povo judeu por um Estado próprio, dentro das publicações foi criado e divulgado o termo semitismo.

O semitismo foi desenvolvido pela necessidade da criação de um Estado independente para os descendentes dos israelitas, ou seja, dos judeus o termo não se aplica ao contexto religioso, pois a caracterização é territorial. É a conquista pela emancipação política e territorial, onde o cidadão judeu pudesse fazer e ter direito dentro de um Estado dirigido por seus iguais.

No semitismo um Estado nacional israelense era visto como a única maneira que tinham de ficarem livres de perseguição e expulsão em massa. Sendo assim, este termo não foi criado com o fim de uma liberdade religiosa.

Contudo com a disseminação do semitismo, foi desenvolvido o termo anti-semitismo criado por Wilhelm Marr sob o título de “*A vitória do judaísmo sobre o Germanismo*” impresso em 1873 e 1879, para demonstrar a superioridade judaica, e desse modo fazer com que as forças do Estado e da sociedade alemã, fossem instigadas contra os judeus. O termo criado por Marr caiu nas graças do chanceler Bismarck, o qual deu apoio a propaganda anti-semita. Em 1881, Eugene Düring, publicou seu livro intitulado “A Questão Judaica”, ele afirmava que a questão judaica deveria ser estudada e compreendida como:

uma questão de raça, moral e cultura. A sua tese era a de que os judeus constituíam o pior ramo da raça semita, ambicioso, explorador e inclinado a dominar o mundo. Suas perspectivas religiosas e éticas eram tão inferiores ao helenismo e ao espírito alemão que eles deveriam ser expulsos de todos os cargos no serviço público e na educação e até proibidos de casar com os outros alemães, para evitar a “judaização do sangue”. Ainda mais impressionante, por serem menos morbidamente fantásticos, eram os artigos escritos por Heinrich von Treitschke, o

historiador oficial da Prússia. Para ele, os judeus representavam uma ameaça a etnia alemã, penetrando pela fronteira oriental, convencidos de serem o “povo eleito”, insensível à cultura cristã alemã, desprezando seus grandes homens, como mostravam os escritos de Graetz. [...] “Os judeus”, observou Treitschke, numa frase posteriormente muito repetida por anti-semitas maldosos e mais engajados, “são a nossa desgraça” (GOLDBERG & RAYNER, 1989, p. 185-186).

Em 1881, quando os revolucionários mataram o czar Alexandre II seu sucessor subiu ao trono e deu início aos *pogroms*, este foi o nome dado às perseguições e massacres de mais de cem comunidades judaicas só na Ucrânia.

Em Kishinev, capital da Bessarábia, um pogrom sancionado pelo governo começou na véspera do *Pessach* de 1903. Enquanto a polícia ficava sem agir, esperando ordens do governador, 45 judeus eram assassinados, cerca de 600 feridos e 1500 casas destruídas (GOLDBERG & RAYNER, 1989, p. 188).

Após começarem os ataques, em Paris foi formada uma delegação para conhecer a real situação dos judeus na Rússia. O *tzar* foi questionado para saber o destino dos judeus que viviam sob seu domínio. Em sua resposta o *tzar* respondeu, que um terço morreria, um terço deixaria o país e um terço seria assimilado sem deixar traços, dessa maneira todos que estivessem sob seu domínio seriam extintos.

Quando o Barão Maurice de Hirsch tomou conhecimento do que pretendia o *tzar*, elaborou uma estratégia para tirar judeus russos do país. Seu plano era em 25 anos retirar dois terços desse povo. Para tal feito, começou a comprar terras na Argentina como informa Goldberg e Rayner (1989) para serem transformadas em colônias agrícolas; mas apenas cerca de 6.000 emigraram para lá entre 1892 e 1894. Embora posteriormente, 115.000 judeus tenham se radicado naquele país, era a América do Norte o lugar, que mais os atraía. E, dentre os países da América do Sul, que os acolheram o Brasil teve um papel importante, pois eles puderam comprar terras no sul do país para desenvolverem agricultura.

Após os pogroms de 1881, um deslocamento maciço de judeus do Leste europeu, maior que o ocorrido durante as expulsões da Espanha, levou mais de dois milhões de judeus para os Estados Unidos. Ao todo, cerca de 2.750.000 judeus partiram da Europa Oriental entre 1881 e 1914 (GOLDBERG e RAYNER: 1989, p. 189).

Devemos expor que tanto no Brasil, Argentina, Venezuela e, até mesmo na Palestina houve compra de terras pelo consórcio criado pelo barão Hirsch, no entanto, essas terras não foram dadas aos judeus que migraram para esses países, elas foram vendidas a eles. Era algo no momento necessário, pois necessitavam de retorno do recurso para movimentar mais

capital e dessa maneira continuar o plano de retirada dos judeus que estavam sendo perseguidos.

Dentre as diversas discussões e escritos contra a visão antissemita, foi em 1882 com a publicação de *Judah Loeb Pinsker* (1821-91), denominado “Auto Emancipação: um Alerta aos Irmãos, por um Judeu Russo”. *Judah Pinsker*, que entendia e argumentava,

que o anti-semitismo era uma doença psicológica, exacerbada pela condição de estrangeiros que os judeus tinham no mundo todo. Confiando na ajuda deles mesmos, em vez de esperar a boa vontade indefinida dos governantes europeus, os judeus tinham de se emancipar estabelecendo-se em uma terra natal (GOLDBERG & RAYNER, 1989, p. 192).

Outra vez os judeus motivados pela perseguição viram a necessidade de possuir um lugar em que pudessem sentir-se seguros em habitar. Destarte, começam a fortalecer e colocar em prática a ideia de um novo Estado. A propaganda para o retorno ao seu antigo lugar, onde começaram a comprar terras na Palestina. Local escolhido para a construção do Estado judaico. Por meio das explanações de Kaufman (2000) percebemos os dois modos de perseguição sofrida pelos judeus, a primeira sendo religiosa e a segunda econômica:

Em uma sequência de acontecimentos adentramos no quarto período de perseguição e extermínio ao povo judeu, que teve seu início quando o partido de Adolf Hitler, “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nazistas)” assumiu a maioria no governo da Alemanha.

Em um país descontente por passar por embargos econômicos em 1918, devido à derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial, e com o histórico dos *pogroms* na Rússia, onde tinham descoberto em quem colocar a culpa, desapropriar bens e expatriar, “limpar o país” e ao mesmo tempo crescer economicamente. O governo alemão percebeu a oportunidade de agir contra o povo imediatamente, pois a maior parte das empresas e indústrias pertencia a descendentes de judeus e com o povo alemão estava passando por diversas dificuldades, o Governo alemão e sua cúpula entenderam que as empresas, indústrias e mão-de-obra, deveriam estar sob seu domínio e administração, e dessa maneira o Estado alemão poderia crescer.

Em 1928, com o apoio financeiro de industriais alemães, que temiam uma vitória comunista, o partido de Hitler obteve 810 mil votos; dois anos mais tarde, tinha mais de seis milhões e, em 1932, catorze milhões com 230 cadeiras no Reichstag. O marechal de campo von Hindenburg, o velho presidente alemão, nomeou Hitler seu chanceler em janeiro de 1933. Nas eleições, dois meses depois, com tropas de choque nazistas intimidando abertamente os opositores políticos, Hitler obteve 44% do voto popular. [...] Uma vez no poder, os nazistas puseram em prática rapidamente seu programa. Todos os direitos civis foram suspensos, os partidos políticos

dissolvidos, as greves proibidas e os sindicatos fechados. As SS (Schutzstaffeln, ou tropas de guarda), comandadas por Heinrich Himmler, tornaram-se o braço policial da polícia nazista, administrando os campos de concentração e controlando a polícia secreta (a Gestapo). Após a morte de Hindenburg, em agosto de 1934, Hitler foi elevado ao posto de Führer (líder) supremo da Alemanha, tendo, assim, plenos poderes para impor sua meta de erradicar todo traço de judaísmo da cultura, instituições e economia do novo estado ariano (GOLDBERG & RAYNER, 1989, p. 198).

No início os nazistas foram cautelosos, Hitler como chefe supremo uniu o sofrimento que o povo alemão estava passando, agindo a favor do sentimento de “superioridade da raça ariana”, com esse slogan conseguiu incutir aos poucos na população o ódio contra os judeus, estes também deveriam ser visto como raça inferior, abrimos um parêntese para informar que a perseguição também tinha como alvo ciganos, homossexuais e qualquer um que não fosse da raça ariana.

O governo alemão se apropriou de tudo que podia para menosprezar e perseguir seus inimigos. Podemos citar como exemplo o uso da antiga crença usada pela Igreja Católica de que judeus mataram Cristo, e por isso deveriam ser perseguidos e mortos, pois, eram um povo amoral.

Outro motivo para perseguição aos seus inimigos tidos como a raça inferior foi disseminado quando ao sancionar a Lei de Nuremberg em 1935, a favor do estado alemão, é instaurado o perigo da “contaminação” que a raça ariana estava correndo ao se misturar com os judeus. Por isso, Hitler alegou que os judeus não poderiam manter relações sexuais nem qualquer tipo de compromisso com os arianos.

Com o acordo feito com Stalin, Hitler partiu imediatamente para invadir a Polônia. Em 1939 os judeus foram remanejados para os guetos, dentre eles, o maior gueto era o de Varsóvia. De acordo com Goldberg em “1941, a Alemanha invadiu a União Soviética. Em outubro, Moscou e Leningrado estavam sob assédio e a maior parte da Ucrânia já havia caído. Aproximadamente 3,5 milhões de judeus se encontravam sob o domínio alemão” (Id., 1989, p. 202).

Os métodos de extermínio sistemáticos elaborados pelos alemães para com os judeus, os ciganos, os prisioneiros de guerra e os homossexuais, passaram pelo uso da mão de obra até a morte, a tortura, os experimentos médicos, e campos de concentração foram criados para uma “limpeza mais rápida” e com menos gastos.

Houve diversas formas de fugas da condição de morte eminente do judeu durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns países deram abrigo político para uma grande

leva de migrantes, dentre eles o Brasil que antes do evento bélico, já tinha permitido que os *ashkenazim* adentrassem a fronteira e trabalhassem na terra ou no comércio.

A partir da Segunda Guerra Mundial começou a acontecer em maior número o retorno à Palestina, e isso com a ajuda de judeus do mundo inteiro. Concomitantemente migrantes, juntamente com políticos pleiteavam diante da ONU¹⁷ o *status* de nação e, é criado o novo Estado de Israel.

Evidenciamos até então as possíveis trajetórias das migrações judaicas que acarretaram a presença desse povo no Brasil e no resto do mundo. Faz-se necessário que agora apresentemos os judeus na região amazônica.

No entanto, durante todo o século XVIII, os registros sobre os judeus no Brasil são vagos. Contudo, no século XIX, as referências já mostram uma nova frente migratória após a colonização do Brasil. Eram judeus espanhóis, judeus marroquinos (Marrocos Francês), judeus árabes e judeus da cidade de Tânger. Nesses lugares estavam experimentando a perseguição de alguns sultões e a crise econômica lhes afligiam, por isso decidiram vir para o Brasil.

Ao chegarem aqui buscaram a região Amazônica para viver, como aponta Blay:

Imigraram para os estados do Amazonas e do Pará ainda antes da grande exploração da borracha. Testemunham esta presença as sepulturas judaicas de Soledad, cemitério de Belém (Pará) e as sinagogas Shaar Ashamaim e Essel Abraham, fundadas naquela cidade entre 1826 e 1828. Belém e Manaus foram as portas de entrada para judeus que se instalaram em cidadezinhas do interior do Pará e do Amazonas. Há referências à presença de famílias judaicas, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, às beiras de vários rios entre os quais o Tapajós, Abunã e nas seguintes localidades (BLAY, 1997, p. 50).

Na contemporaneidade observamos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, onde as comunidades judaicas têm presença marcante no âmbito político, econômico, cultural e religioso. No Nordeste brasileiro Pernambuco e em outras áreas da união os judeus deixaram suas marcas, bem antes do século XVIII.

No Norte temos em Belém a comunidade fortalecida, e em quase todo interior do Pará nota-se a presença judaica.

Os dois fatos essenciais que explicam, assim, a penetração linear do homem branco no vasto domínio da Hileia, foram a rede fluvial e a floresta maciça, rica em valor econômico (PEREIRA, 1963, p. 44).

¹⁷ Organização das Nações Unidas.

Tanto Belém como Manaus a comunidade judaica mostrou-se ativa, com o passar do tempo não só no setor comercial, industrial, mas também no setor da educação e da cultura.

Quando adentraram a região amazônica, os judeus viram a oportunidade de crescimento econômico, no comércio feito pelo rio, pois a distância dos centros comerciais e a dificuldade de locomoção por terra favorecia o único meio de comércio na região no século XIX.

Tendo como meio para obter dinheiro o comércio realizado em embarcações que abasteciam o povoado e vilarejos mais afastados das capitais, essa prática comercial ficou conhecida como “regatões”. Este era uma forma de comércio usado pelos judeus e outros mascates da região, que adentravam a Hidrovia do Amazonas, dentre elas o rio Madeira, comercializando desde produtos alimentícios, remédios, munições e demais produtos que ajudassem a preservação da vida na floresta.

Na Amazônia a presença judaica foi estudada por alguns pesquisadores dentre eles Benchimol (1994) o qual afirmou que a presença judaica ocorreu na Amazônia desde o século XIX, e que as primeiras famílias vieram em 1820, com suas particularidades, uma delas é que ao migrarem traziam a família com eles. Ao contrário de outras correntes migratórias que muitas vezes chegavam individualizados, os judeus chegaram com sua família, assim assegurando o caráter doméstico e gregário de sua migração, evidenciando desse modo, a vontade de permanecerem no lugar escolhido para viverem com a família.

As localidades da região amazônica que os judeus buscaram para morar e trabalhar tinham algo em comum eram cidades que o acesso direto se dava por via náutica. Estas localidades eram conhecidas como ribeirinhas¹⁸, por situarem sua frente as margem de rio, nas palavras de Benchimol:

Alenquer; Boim, Aveiros e Itaituba, Cametá; Coari, Gurupá, Humaitá, Itacoatiara, Macapá, Maués, Melaço, Óbidos, Parintins, Portel, Santarém, Sena Madureira, Tefé. [...] Por volta de 1850 existia uma comunidade judaica em Santarém e Itaituba, a beira do rio Tapajós, que deixou como traço, mais uma vez, as sepulturas dos “judeus pioneiros do ciclo da borracha”. Teriam emigrados há décadas de Tetuan, Ceuta, Casablanca, Fez, Rabat, Marrakech, empurrados pela crise econômica do Marrocos e pela perseguição de vários sultões. Por outro lado os governos do

¹⁸ Entendemos por comunidade ribeirinha: (...) a quem mora às margens de um rio ou igarapé, mas aquele que *essencialmente* mantém uma organização social *diferenciada* da urbana, com sua sobrevivência econômica baseada principalmente na pesca, pequena produção agrícola (caracteristicamente mandioca para a produção de farinha, frutos como a melancia, plantada nas várzeas dos rios e plantações perenes como o cupuaçu, a pupunha e o açai) e que pratica a coleta de produtos da mata como a castanha-do-brasil, o açai, a abacaba e o patoá nativos. Assim, fica claro que não é somente o fato de morar às margens de um rio ou igarapé que caracteriza o ribeirinho, isso seria uma classificação simplória diante da diversidade da forma de viver da população amazônica (SILVA & SOUZA FILHO, 2002: 27).

Amazonas e Pará facilitavam a vinda de imigrantes. Falavam o português e o espanhol antigo, do século XVI, e o haquítia, mistura destas mais o árabe-marroquino (Id., 1994, p. 4-51).

Ficou evidente que enquanto comerciantes, que durante tantos séculos aprenderam a ser, buscaram trabalhar comercializando nas embarcações, no ramo dos regatões. E, como mascates nas capitais do norte, para tal trabalhavam em pequenas embarcações onde, na afirmação de Benchimol

os barcos dos grandes comerciantes e aviadores portugueses não conseguiam entrar, levando estivas, tecido, remédios, bebidas, munições para abastecer os seringueiros dos altos rios e comprar a melhores preços os produtos do extrativismo silvestre (Id., 1998, p. 83. Grifos nossos).

Constatamos que na região Norte ocorreu um fenômeno pouco conhecido pelos judeus, que foi o “esquecimento”, este notado pelo pesquisador e denominado como “assimilação¹⁹”. Segundo Benchimol (1998), esse fenômeno foi muito claro na Amazônia,

Um número muito grande de famílias judaicas desapareceram para o judaísmo, pois seus descendentes no interior foram incorporados e integrados a massa anônima dos caboclos empobrecidos, que adotaram o culto católico, evangélico, espiritista e até umbandista, esquecendo de vez as suas origens ancestrais judaicas. Pelos nossos cálculos existem, hoje em toda a Amazônia, cerca de 283.859 judeus-caboclos descendentes dos *sefaraditas* e forasteiros de Marrocos e de *askenazitas* europeus, cujas primeiras levas de migrantes chegaram a região a partir de 1810 (BENCHIMOL, 1998, p.175).

No entanto entendemos que o termo assimilação, aqui empregado não condiz com o ocorrido, entendemos que o “silêncio” propiciou o “esquecimento” da cultura e da religião judaica, por isso também é imprecisa a denominação realizada pelo autor de judeus-caboclos. Pois, se eles não lembram que são judeus, como podem ter essa denominação?

E, devido ao silêncio a maior parte dos descendentes de judeus continuam sem saber sua origem. Em Rondônia os registros da comunidade judaica só tiveram seu início no século XX. E, durante algum tempo teve uma organização como uma *kehilal*²⁰, porém com o passar do tempo, os jovens judeus deixaram os ritos, até a *Sefer Torá* que havia em Guajará - Mirim, foi enviada para São Paulo, aos cuidados de uma sinagoga, como diz um narrador:

E, eles se reuniam lá, eles tinham o *Sefer Torá* lá, e que depois com o passar do tempo, se não me engano na década de sessenta ou na década de setenta, algo assim levaram embora, levaram pra São Paulo a *Sefer Torá*, porque as pessoas, que continuavam praticando o judaísmo seriam as pessoas, que faziam o *mitzvah*, as *mitzvoth*, que são os preceitos judaicos, eles estavam ficando velhos. (...) O bispo, ele andava socado na casa das

¹⁹ processo pelo qual um grupo humano, ger. uma minoria ou uma coletividade imigrante, é absorvido pela cultura de outro(s) grupo(s) (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010).

²⁰ Comunidade judaica organizada.

peçoas que eram judias. Justamente pra impedir que as peçoas fizessem o básico do judaísmo, que é a *brit-milá*, que é a circuncisão no caso, e o *Sabat*, essa coisa, iam muito perturbando as peçoas, e como as peçoas viviam de comércio, então já tinha aquele estigma, porque o judeu já é estigmatizado (narrador VI, 2011).

Esse cuidado com o *Sefer Torá* se tem porque, este livro não pode ficar em lugar que não seja para estudo aprofundado no espírito de respeito e temor as palavras de *Iabweh*, e entendimento da cultura judaica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Porto Velho a organização também teve um período de desenvolvimento, pois já existiam indícios de haver *minian*²¹, no início do século XX. Como nos informa Eva Blay (1997), pois havia a realização do *brit milab* em 1909, a autora da referência a Porto Velho, mas provavelmente era na Vila de Santo Antônio.

Quando houve a desinstalação de toda administração política e econômica da Vila de Santo Antônio, todos os postos foram transferidos para Porto Velho. Devido o desenvolvimento acelerado com a criação da Ferrovia Madeira Mamoré, provavelmente os judeus acompanharam a mudança da administração, já que alguns exerciam cargos de delegado e juiz.

O enfraquecimento da comunidade judaica de Guajará–Mirim foi eminente, sem uma organização consolidada, com delimitação do lugar, e sofrendo influências diretas de religiosos de outras denominações ficou difícil para os poucos judeus permanecerem na fé e, nos preceitos de seus antepassados. Contudo em Porto Velho, alguns perseveraram e conseguiram se organizar como comunidade civil, em associação e centros de estudos, como podemos constatar com o Narrador III (2010), “no final de 2005, lá por 2006 a gente instituiu como uma entidade jurídica CEJURON”. Porém a ideia de um lugar para uso fruto exclusivo de judeus não foi unanime.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1994.

²¹ Significa "conta" em hebraico, se usado para indicar a oração, significa a contagem mínima para poder dizer certos trechos das orações. Por exemplo: O *Kadish*, *Barechú*, *Kedushá*, leitura da *Torah* etc, são partes da *Tefilah* que só podem ser realizadas se houver um minian de homens na sinagoga que já possuam a maior idade judaica que é indicada com 13 anos.

BENCHIMOL, Samuel. **Judeus no Ciclo da Borracha**. Manaus; UERJ, 1994.

_____. **Eretz Amazônia Os judeus na Amazônia**. Manaus; Valer, 1998.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. Obras Escolhidas, Vol. 1, p. 197-221, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLAY, Eva Alterman. **Judeus na Amazônia**. In SORJ, Bila (org.). Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.33-66.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O Homem e o Espaço**. Curitiba: UFPR, 2008.

BONDER, Nilton e SORJ, Bernardo. **Judaísmo para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução à uma filosofia da cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CASTRO, Sheila. **Experiência e Lugar: Geografia Oral com Judeus**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Rio Branco.

EBAN, Abba. **A História do povo de Israel**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.

FRIEDRICH, Otto. **O Fim do Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOLDBERG, David J. e RAYNER, John D. **Os Judeus e o Judaísmo: História e Religião**. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

IZECKSOHN, Isaac. **História dos Judeus 1º Vol**. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1973.

_____. **História dos Judeus 2º Vol**. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1973.

JOHNSON, Paul. **História dos Judeus**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____. **Memória Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KAUFMAN, Tânia Neumann. **A Presença Judaica em Pernambuco**. Recife: edição do autor, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MENEZES, Nilza. **O Último Yon Kippur (A Comunidade Hebraica na Região dos Vales do Madeira, Mamoré e Guaporé)**. Ano I, Nº. 131 - Janeiro - Porto Velho, 2003.